

REMEMORANDO AS GÁLIAS: NARRATIVAS DE CONQUISTA E MAPAS TEMPORAIS NO SÉCULO IV¹

Pedro Benedetti²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a forma como a conquista e posterior integração das Gálias ao ordenamento imperial romano foram rememoradas nas narrativas historiográficas do século IV à luz do conceito de “mapas temporais”, desenvolvido pelo sociólogo americano Eviatar Zerubavel. Argumentaremos que Eutrópio, Festo e Amiano Marcelino buscaram moldar o mapa temporal de sua audiência, de modo a defender, cada um com um objetivo específico, a manutenção da unidade imperial romana.

Palavras-chave: Eutrópio; Festo; Amiano Marcelino; Mapas Temporais; Gália.

REMEMBERING GAUL: CONQUEST NARRATIVES AND TIME MAPS IN THE 4TH CENTURY

Abstract: This article aims to analyze how the conquest and subsequent integration of Gaul into the Roman imperial order were recalled in the historiographical narratives of the fourth century in the light of the concept of “time maps”, developed by the American sociologist Eviatar Zerubavel. We will argue that Eutropius, Festus, and Ammianus Marcellinus sought to shape the time map of their audience so as to advocate, each with a specific goal, the maintenance of Roman imperial unity.

Keywords: Eutropius; Festus; Ammianus Marcellinus; Time Maps; Gaul.

¹ Recebido em 10/03/2025 e aprovado em 25/04/2025.

² Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Antropologia e História da Antiguidade pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Realiza estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Campus de Franca (bolsista FAPESP, processo nº 2023/17698-2). Membro do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano – UNESP/Franca (G.LEIR), da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e do Grupo de Pesquisas Subalternos e Populares na Antiguidade (GSPPA). ORCID: 0000-0003-3232-714X. E-mail: benedetti190@hotmail.com.

Considerações iniciais

A onda de estudos sociológicos envolvendo o fenômeno da memória coletiva, iniciado há mais de 25 anos, foi muito frutífera e engendrou debates dos quais surgiram conceitos que podem ser muito úteis aos estudiosos de diversas áreas das Humanidades, inclusive aos historiadores. Um desses instrumentos de interpretação da memória coletiva e suas implicações sociais foi o conceito de “mapas temporais”, desenvolvido em um livro homônimo publicado em 2003 pelo sociólogo americano Eviatar Zerubavel. Por meio dele, o estudioso busca compreender não exatamente os fatos que aconteceram na História, mas como eles são lembrados e mobilizados na memória coletiva. Mais precisamente, na qualidade de sociólogo, Zerubavel (2003, p. 1) tenta examinar “as inconfundíveis estruturas parecidas com mapas segundo as quais a história está organizada em nossas mentes”.

Como não se trata de um conceito da Psicologia, mas da Sociologia, a atenção de Zerubavel se volta principalmente para o contexto social no qual nós acessamos essas memórias coletivas e seus desdobramentos. Pois

[...] ser social pressupõe a habilidade de experimentar coisas que aconteceram aos grupos sociais dos quais pertencemos muito antes de fazermos parte dele, quase como se fossem parte do nosso próprio passado. [...] Afiliar-se a memórias coletivas e identificar-se com um passado coletivo é parte integrante do processo de adquirir qualquer identidade social, e familiarizar os membros desse grupo com tal passado é uma grande parte do esforço coletivo de assimilar os indivíduos (Zerubavel, 2003, p. 3).³

Mapas temporais, portanto, são socialmente construídos e incluem conceções próprias de movimento histórico (progresso, retrocesso, auge, decadência etc.), articulação de ancestralidade e descendência (herança histórica, tradição etc.), origens (que remetem aos usos sociais de prioridade e antiguidade) e percepções características de continuidade e ruptura históricas. Essas últimas, por sua vez, são experiências modeladas pelas formas com as quais a relação entre determinados eventos é subjetivamente costurada. O ato de rememorar um evento ou processo histórico, portanto, não é apenas indivi-

³ Todas as traduções neste artigo foram feitas pelo autor. Todas as datas são d.C., salvo indicação contrária.

dual nem tampouco desproposital, mas direciona-se a uma coletividade, de forma a moldar seu mapa temporal com a intenção de transformar ou manter determinado ordenamento sociopolítico do qual emerge. Em outras palavras, a rememoração é, antes de tudo, uma forma de ação social calcada na assimilação de eventos passados a determinado mapa temporal.

Neste artigo, argumentaremos que a rememoração da conquista das Gálias pelos romanos por parte dos historiadores latinos do século IV deve ser explorada para além da própria forma que ela assume nos textos. É necessário compreendê-la dentro de um processo dialógico no qual esses autores buscam estabelecer uma relação diacrônica⁴ diante de sua audiência aristocrática, de forma a moldar o mapa temporal desse grupo social. Tal esforço se insere em um contexto em que a elite galorromana buscava cada vez mais autonomia e exigia, ao mesmo tempo, que os imperadores se empenhassem na defesa de seus interesses, chegando mesmo a apoiar usurpadores que se propusessem a fazê-lo (Drinkwater, 1989). Afinal, vale lembrar que tanto os escritores de breviários quanto Amiano Marcelino – o único autor de uma história classicizante⁵ em latim que chegou até nós – tinham interesses na manutenção do ordenamento imperial e sua unidade, os primeiros por questões de natureza política (Pohlman, 2021), dada sua proximidade com a casa imperial, os segundos por motivos de ordem “ideológica” (Pascoud, 1697, p. 33-70), por assim dizer, em defesa da eternidade de Roma. Dada a proximidade dos autores com o poder imperial, no caso dos epítomes e breviários, ou seu apego ao ordenamento romano, como no caso de Amiano, nossa análise se centrará nesses dois tipos de produção e buscará compreender como a conquista das Gálias foi mobilizada dentro de um esforço de elaboração de um mapa temporal para a aristocracia romana, de modo a justificar a manutenção da unidade imperial.

⁴ Deve-se entender a diacronia como uma relação que se estabelece entre duas temporalidades distintas. Aqui, a diacronia emerge da rememoração no século IV de eventos que tiveram lugar nos séculos I a.C. e I d.C., que vem acompanhada de percepções diversas de ruptura e continuidade.

⁵ Entende-se por “História Classicizante” um gênero textual próprio da Antiguidade Tardia que envolve a recuperação de preceitos historiográficos clássicos em contraposição às narrativas suscintas e esquemáticas das crônicas e dos breviários (Kulikowski, 2018). Já exploramos as possíveis influências do pensamento histórico de Tucídides na obra de Amiano Marcelino em outra ocasião (Benedetti, 2023).

A conquista das Gálias nos epítomes e breviários

Epítomes e breviários conheceram uma enorme popularidade na Antiguidade Tardia graças à demanda por compêndios de História Romana por parte de novos funcionários da burocracia imperial (Pohlman, 2021, p. 76), cuja ascensão é notável a partir do governo de Diocleciano (r. 284-305). Robert Browning (1982, p. 735) bem nota que, apesar de não podermos exagerar o descompasso entre a instrução da tradicional aristocracia senatorial e dos altos oficiais tidos muitas vezes como soldados iletrados e bárbaros ignorantes, o entourage militar que acompanhava Valentiniano I (r. 364-375) e Valente (r. 364-378) e monopolizava a maior parte dos altos cargos imperiais tinha, de fato, uma educação mais provincial. Originários em grande medida das cidades de províncias danubianas, essa elite local que galgou os degraus da pirâmide social por via do serviço militar certamente teve acesso à educação formal, ainda que deficiente no estudo da retórica. Disso resulta que sua perspectiva era essencialmente regionalizada, limitada à percepção fronteiriça do Império Romano e não integrava o Mediterrâneo em sua totalidade. Portanto, fazia-se necessária a elaboração de obras sucintas e de fácil entendimento que pudessem suprir essa lacuna de percepção da grandeza do Império Romano, os estágios de sua expansão, problemas com os quais os imperadores tiveram de lidar e, consequentemente, os perigos do regionalismo para a desintegração do Império. É como parte desses esforços que devemos compreender a composição do *Breviário de História Romana*, de Eutrópio, e o *Epítome da História de Roma*, de Festo.

A primeira obra é um compêndio de dez livros que narram a história de Roma desde sua fundação até a ascensão de Valente, imperador que o havia encomendado. Eutrópio foi secretário das correspondências imperiais (*magister epistularum*) sob Constâncio II até 361, acompanhou o imperador Juliano em sua campanha contra os persas até seu dramático fim, em 363, e escalou a carreira burocrática até se tornar secretário de petições imperiais (*magister memoriae*) sob Valente em 369. Não resta dúvida de que Eutrópio soube jogar o jogo político muito bem, pois caiu nas graças de imperadores que rivalizaram entre si, como os dois primeiros, e até mesmo subiu de posição após o advento de uma nova dinastia. A composição do compêndio dedicado a Valente visava claramente expressar sua gratidão pela promoção ao mais importante cargo entre os três secretariados. Essa boa relação lhe rendeu ainda o cargo de governador proconsular da Ásia

em 371, responsável pelas finanças pessoais (*comes rerum privatuarum*) do imperador Graciano na Itália, em 379, e prefeito pretoriano da Ilíria sob Teodósio, entre 380 e 381. Ao progredir em sua carreira, Eutrópio se inseria com sucesso nos altos círculos aristocráticos de Roma e do Império, tornando-se conhecido por figuras como Símaco e Libânio. Pelo reconhecimento aos seus serviços e, certamente, graças às conexões que estabeleceu, o burocrata foi homenageado com um consulado em 387 junto a Valentiniano II (Hellegouarc'h, 1999, p. vii-xi, com referências).

Tendo nascido em torno de 320, Eutrópio certamente já havia sido escriturário (*epistularis*) quando vivenciou a primeira grande usurpação apoiada massivamente pela elite galorromana contra seu chefe Constâncio II, desde o fim daquela experiência *sui generis* que ele mesmo denominou “Império das Gálias” (Eutrópio. *Breviário*. 9, 9, 3)⁶ entre c. 260-275. Em 350, o *comes* Magnêncio aproveitou a ausência de Constante⁷, que havia se tornado o único Augusto nas províncias ocidentais desde 340, para usurpar-lhe a púrpura e estabelecer-se em Tréveris, tornada importante residência imperial desde ao menos o governo de Maximiano (r. 286-305) (Heinen, 1985, p. 211-265). Se admitirmos que a nota enviada por Magnêncio ao senado de Roma foi reproduzida ao menos em seus termos gerais por Zósimo (*Nova História*. 2, 49, 1), podemos notar que Magnêncio buscou colocar-se em uma posição de salvador das Gálias contra a tirania e a incompetência de Constante, capitalizando, assim, em cima de uma demanda de proximidade com o poder imperial que havia se tornado característico da elite galorromana desde meados do século III.

Esses eventos parecem ter sido muito marcantes para Eutrópio. Ao afirmar que Constâncio Cloro “foi não apenas amado, mas também venerado

⁶ *Galliarum [...] imperium*

⁷ Alguns estudiosos, como Hugh Elton (2018, p. 72-74), mantêm a opinião de que Magnêncio se aproveitou da impopularidade de Constante, principalmente em meio aos soldados, para angariar apoio para sua empreitada imperial. Outros, como Jill Harries (2012, p. 194-196), abordam a documentação com certo ceticismo. Afinal, apesar de certamente contar com uma fábrica de armamentos, a cidade de Autun, onde Magnêncio foi aclamado imperador durante um jantar com Marcelino, então responsável das finanças de Constante, não era um centro militar onde legiões ficavam aquarteladas durante muito tempo. Assassínado furtivamente no retorno de uma caçada, Constante teria sido vítima de uma conspiração arquitetada por poucos oficiais, sem a participação inicial massiva do exército das Gálias.

pelos gauleses” (Eutrópio. *Breviário*. 10, 1, 3)⁸, o autor busca certamente celebrar a memória do avô de Constante, que foi capaz de atrair as lealdades galorromanas por meio de suas virtudes de governo em contraste com seus colegas tetrarcas. A ausência dessas virtudes unificadoras em seu neto, em contraste, levou a uma situação calamitosa. O historiador lamenta que, no confronto decisivo de Mursa Maior em 351, “foi perdida uma quantidade imensa de homens [...]”, o suficiente para quantas guerras externas se queira. Tropas que poderiam trazer inúmeros triunfos e segurança” (Eutrópio. *Breviário*. 10, 12, 1).⁹

É a partir dessa experiência que devemos compreender a forma como Eutrópio rememora a conquista das Gálias por Júlio César:

*A Gália e a Ilíria lhe foram conferidas com dez legiões. César primeiramente venceu os Helvécios, que hoje se chamam Sequanos, daí procedeu com vitórias através de duríssimas guerras até o oceano da Britânia. Mas ele subjugou em nove anos toda a Gália, que se localiza entre os alpes, o Ródano, o Reno e o Oceano e estende seu perímetro por 320 mil passos. [...] Em termos de tributo, ele impôs à Gália a soma anual de 40 milhões de sestércios (Eutrópio. Breviário. 6, 17)*¹⁰.

Chama a atenção nesse trecho, principalmente, a diacronia, sobretudo porque a Gália “domada” por César é apresentada em sua configuração da época de Eutrópio, com os limites da própria Diocese das Gálias. Tendo em vista que os sequanos eram um povo diferente dos helvécios e migraram para a região do Saône a partir das regiões centrais da atual Suíça, Joseph Hellegouarc'h (1999, p. 77, n. 4) considera que a passagem é um tanto confusa. Parece claro, porém, que aqueles que Eutrópio denomina sequanos são, na verdade, os habitantes da Máxima dos Sequanos

⁸ *Hic non modo amabilis, sed etiam venerabilis Gallis fuit.*

⁹ *Ingentes Romani imperii vires [...] consumptae sunt, ad quaelibet bella externa idoneae, quae multum triumphorum possent securitatisque conferre.*

¹⁰ *Decreta est ei Gallia et Illyricum cum legionibus decem. Is primus vicit Helvetios, qui nunc Sequani appellantur, deinde vincendo per bella gravissima usque ad Oceanum Britannicum processit. Domuit autem annis novem fere omnem Galliam, quae inter Alpes, flumen Rhodanum, Rhenum et Oceanum est et circuitu patet ad bis et tricies centena milia passuum. [...] Galliae autem tributi nomine annum imperavit stipendum quadringenties.*

(*Maxima Sequanorum*), uma província antes denominada Sequania, criada por Diocleciano em 297 a partir da divisão da Germânia Superior (Barnes, 1982, p. 218). Eutrópio evoca os habitantes da província quando narra a conquista dos helvécios em 58 a.C., logo no início das Guerras Gálicas de Júlio César, justamente para despertar no leitor um senso de continuidade.

Ora, se essa atualização do passado tem por objetivo engendrar tal sentimento, estamos diante de uma elaboração discursiva em que o passado e o presente não são mais entidades plenamente separadas, mas constituem uma totalidade integrada ao mapa temporal que se desenha na narrativa histórica. Nesse caso, a conexão entre passado e presente é feita a partir de uma permanência de local, que serve como elemento de conservação, possibilitando a sensação de que, por trás das dinâmicas históricas, nada mudou fundamentalmente (Zerubavel, 2003, p. 40-43). A audiência de Eutrópio, portanto, devia ser capaz de associar, sem dificuldade, os helvécios de outrora com os habitantes de Avenches (*Aventicum*) de seu tempo, localizada na Máxima dos Sequanos. A cidade foi fundada por Augusto, no contexto de seus esforços para a reorganização das Gálias, para servir como capital dos helvécios. O próprio nome *Civitas Helvetiorum* parece ter voltado a ser utilizado com mais frequência no período tardio, a julgarmos pelos documentos administrativos (e.g.: *Notitia Galliarum*. 9, 3).

Para compreender o propósito dessa elaboração discursiva diacrônica, é importante lembrar que os helvécios resistiram aos avanços de Aulo Vitélio, aclamado imperador pelas tropas do Reno contra Galba no fatídico ano dos quatro imperadores de 69, e por isso foram massacrados e vendidos como escravos. Esses esforços podem muito bem ter sido interpretados por Eutrópio como atos de lealdade a um imperador legítimo, pois Galba havia se rebelado contra Nero na Tarraconense, marchou sobre Roma e obteve o reconhecimento do senado e da guarda pretoriana (Brandão, 2020, p. 98-99). Tal percepção é reforçada pelo fato de que os helvécios foram recompensados com a elevação de sua capital-*civitas* ao estatuto de colônia em algum momento sob os Flavianos (69-96), recebendo, assim, uma muralha e monumentos públicos (Delaplace; France, 2019, caps. 3.2.2; 3.2 e 4.3.1). Ao associar uma população galorromana de sua época a outra gálica que 300 anos antes resistiu a um usurpador fronteiriço e integrou-se com sucesso ao império, mantendo-se leal aos imperadores considerados legítimos, Eutrópio busca reforçar e enaltecer o papel histórico de seus contemporâneos galorromanos para a manutenção da unidade imperial.

Encontramos esse processo de “atualização” do passado gaulês de maneira quase idêntica no epítome de Festo, também encomendado pelo imperador Valente. Informações sobre esse autor são ainda mais exíguas do que aquelas disponíveis sobre Eutrópio. Podemos apenas afirmar com certa segurança que ele era um erudito em idade mais avançada e frequentava o círculo social próximo a Valente. Talvez fosse um alto funcionário imperial, mas não necessariamente um secretário das petições imperiais como Eutrópio. Apesar de algumas semelhanças entre passagens do *Breviário* e do *Epítome*, Festo não parece ter feito um simples “breviário do breviário”, mas buscou apresentar um texto com estrutura fundamentalmente diferente (Arnaud-Lindet, 1994, p. v-xv). De qualquer forma, Valente parece ter considerado que os dez livros de Eutrópio eram uma leitura demasiado extensa sobre a História Romana. Então Festo conseguiu a proeza de compor seu epítome com não mais do que 30 parágrafos. Mesmo nesse formato reduzidíssimo, a relação dos gauleses com Roma e a conquista da região sob César teve uma posição central:

O povo romano travou com os gauleses as mais pesadas guerras. Pois os gauleses habitavam também aquela parte da Itália na qual agora se encontra Milão até o Rubicão. Tão confiantes eram em suas forças que impuseram guerra à própria Roma. Depois de massacrados os exércitos romanos, eles adentraram as muralhas da cidade e cercaram o capitólio, em cujo recinto se refugiavam 600 dos mais nobres senadores, que compraram sua saída do cerco por mil libras de ouro. Depois disso, Camilo, que estava exilado, destruiu os gauleses que retornavam vitoriosos e trouxe de volta o ouro e as insígnias que haviam sido tomadas por eles. Muitos cônsules, pretores e ditadores entraram em confronto com os gauleses com consequências variadas. Mário os expulsou da Itália e, tendo atravessado os Alpes, combateu-os com sucesso. Caio César subjugou as Gálias com dez legiões dos alpes até o Reno em nove anos e lutou com os bárbaros estabelecidos além do rio. Ele atravessou para a Britânia e, no décimo ano, tornou tributárias as Gálias e as Britâncias. Fazem parte da Gália, da Aquitânia e das Britâncias dezoito províncias: os Alpes Marítimos, a província Narbonense, Vienense, Novempopulana, as duas Aquitâncias, duas Lugdunenses, Alpes Graios, Máxima dos Sequanos, as duas Germâncias e duas

Bélgicas. Na Britânia: a Máxima Cesariense, Flávia, Britânia Primeira, Britânia Segunda (Festo. Epítome. 6)¹¹.

A técnica que Festo utilizou para cumprir a exigência de Valente, uma narrativa histórica extremamente sucinta que contemplasse as etapas da expansão romana até que o Império adquirisse sua extensão atual, foi simples, mas eficaz. Cada um de seus parágrafos lida com uma ou mais dioceses¹², a depender da história da integração da região ao Império. Aqui, a forma de conectar a lacuna entre passado e presente se dá na forma de uma enumeração única e contínua de eventos que se seguem cronologicamente, talvez a forma mais evidente de um mapa temporal. Essa linha do tempo vem imbuída de uma continuidade que permite ligar quaisquer episódios até o “estado das coisas” no presente momento (Zerubavel, 2003, p. 52-54). Isso, claro, levou a algumas distorções. Certamente não foi Júlio César quem ocupou a Britânia e transformou-a em província, o que aconteceu somente sob o governo de Cláudio (Joly e Faversani, 2020, p. 87-90). De qualquer forma, resulta da própria abordagem escolhida por Festo que a narrativa se constrói como um *continuum* entre os gauleses desde seus primeiros contatos com os romanos, passando pelo saque de Roma de 390 a.C., sua

¹¹ *Cum Gallis gravissima bella populus Romanus habuit. Galli enim etiam illam partem Italiae, in qua nunc Mediolanum est, usque ad Rubiconem fluvium tenebant; in tantum viribus freti, ut Romam ipsam bello peterent; et, aoesis exercitibus Romanis apud Alliam fluvium, moenia urbis intrarent; Capitoliumque obsiderent; ad cuius arcem sexcenti nobiles, et senatores configurerant, qui mille auri pondo se ab obsidione redemerunt. Postea Gallos victoria remeantes, Camillus, qui in exilio erat, collecta de agris multitudine, oppressit; et aurum ac signa, quae Galli ceperant, reportavit. Cum Gallis multi consules, praetores, ac dictatores eventu vario conflixerunt. Marius Gallos de Italia expulit, et transensis Alpibus, feliciter adversus eos pugnavit. Caius Caesar cum decem legionibus, quae quaterna millia militum Italorum habuerant, per annos octo ab Alpibus ad Rhenum usque Gallias subegit: cum barbaris ultra Rhenum positis conflixit: in Britanniam transivit; decimo anno Gallias, et Britannias tributarias fecit. Sunt in Gallia cum Aquitania, et Britanniis, decem et octo provinciae: Alpes Maritimae, provincia Narbonensis, Viennensis, Novempopulana, Aquitaniae duae, Lugdunenses duae, Alpes Graiae, Maxima Sequanorum, Germanicae duae, Belgicae duae: in Britannia, Maxima Caesariensis, Flavia, Britannia prima, Britannia secunda.*

¹² Nas reformas administrativas de Diocleciano, as províncias foram divididas e entregues a governadores equestres. Essas províncias foram agrupadas em doze dioceses governadas por vicários, também membros da ordem equestre (Williams, 2000, p. 105).

subjulação por César até as províncias da diocese das Gálias de sua época. Dessa forma, Festo atribui aos galorromanos que lhe eram contemporâneos características outrora atribuídas aos gauleses. A tenacidade e a pugnacidade gaulesas, que antes eram um desafio para Roma, agora deveriam ser colocadas a serviço do império.

Estratégias semelhantes de evocação de uma continuidade entre o passado gaulês e o presente galorromano podem ser encontradas nas *Res Gestae*, de Amiano Marcelino. Devemos nos atentar, contudo, para a particularidade dessa construção em uma narrativa de maior complexidade, que envolve digressões geográficas e elaborações retóricas distintas, e que contempla finalidades fundamentalmente diferentes. Afinal, diferentemente de Festo e Eutrópio, Amiano não obteve cargos administrativos na alta burocracia imperial, mas desenvolveu uma carreira militar em um destacamento de elite do exército romano. A diferença entre suas trajetórias e concepções históricas se reflete de maneira muito clara na forma como o passado da conquista das Gálias é rememorado.

A conquista das Gálias em Amiano Marcelino

Infelizmente, a obra de Amiano Marcelino chegou até nós de maneira incompleta. Apenas o período entre o fim da usurpação de Magnêncio e as consequências diretas da Batalha de Adrianópolis (c. 350-378) está contemplado nos dezoito livros conservados. Porém, mesmo que contássemos com a obra em sua totalidade, seu plano original não se estenderia até a conquista das Gálias por Júlio César ou sua provincialização sob Augusto. Os 31 livros de Amiano cobririam tão somente os acontecimentos a partir da morte do imperador Nerva, em 96 (Amiano Marcelino. *Histórias*. 31, 16, 9), ponto no qual parou a narrativa de Tácito. Apesar disso, Amiano é um dos historiadores que mais descrevem suas próprias experiências e andanças pelo império, como membro da guarda de elite imperial (*protectores domestici*) sob o comando do mestre da cavalaria Ursicino. Junto a seu chefe, Amiano foi despachado para as Gálias para lidar com a usurpação de Silvano em 355 e pôde, assim, conhecer a região e sua população (Kelly, 2008, p. 35-44).

As digressões estão seguramente entre os elementos mais fascinantes da obra de Amiano Marcelino. Ao todo, se considerarmos que uma digressão tem uma fórmula introdutória e outra de fechamento, encontramos 31 digressões nos dezoito livros restantes de suas *Res Gestae* (Drijvers, 2005).

São quase duas por livro, o maior número dentre os historiadores antigos, até mesmo Heródoto, o grego notoriamente afeito aos *excursus*. Essas digressões podem ser de diversas naturezas: técnica, militar, etnogeográfica, ciências e fenômenos naturais, antiguidades e monumentos, moral e filosófica. Digressões etnogeográficas seguem, de maneira geral, um padrão. Primeiramente são descritas as formas de uma região: suas fronteiras e acidentes geográficos; daí, de forma semelhante a Ptolomeu e Estrabão, as cidades mais importantes, fortificações e, e, por fim, os povos que nela habitam. Quando possível, Amiano faz um breve histórico dos lugares mais importantes e suas populações, principalmente em sua relação com Roma e como a região veio a se tornar parte do mundo romano.

Apesar disso, foi apenas em 1873 que as digressões etnogeográficas como um todo se tornam objeto de estudo de Vitor Gardthausen. Em quase cinquenta páginas de *quellenkritisch*, o erudito sugere que Amiano escolheu uma abordagem esquemática para descrever todo o mundo habitado refletindo o uso de apenas uma fonte geográfica igualmente esquemática. Oito anos depois, Theodor Mommsen (1881) aceita o argumento de Gardthausen acerca do caráter esquemático das descrições geográficas de Amiano, mas rejeita a ideia de que todas elas têm uma fonte comum. Ele busca identificar cada uma das fontes dessas passagens comparando-as com Solino, Plínio e Ptolomeu. Ao fim de sua análise, o veredito de Mommsen é bastante duro: apesar de Amiano demonstrar vasta leitura, o resultado é um trabalho mal-acabado, que busca esconder sua imprecisão e falta de conhecimento geográfico com um palavreado rebuscado, porém vazio. “Scheinhafte Bescheidwissen” é a severa expressão que Mommsen utiliza para caracterizar as habilidades de Amiano no campo geográfico, algo que pode ser traduzido como “erudição ilusória” ou “enciclopédismo enganador”.

Mommsen parte, no entanto, de um conceito de geografia próprio de sua época, ao qual as digressões etnogeográficas de Amiano não fizeram jus. Na direção contrária de Mommsen, Gavin Sundwall (1996) argumenta que, em uma sociedade na qual o uso de mapas era bastante restrito, a “geografia mental” colocada em prática por Amiano, seguindo métodos e preceitos estabelecidos pelos antigos, apresentava uma qualidade bastante alta. Ele não apenas retirou pontualmente informações das fontes identificadas por Mommsen, como também adicionou novas e as estruturou de maneira muito peculiar. Para Sundwall (1996, p. 640), não é exagero

afirmar que Amiano é uma autoridade em Geografia, não como a vemos hoje, em nossa “sociedade cartográfica”, mas de acordo aos preceitos de sua época, segundo os quais uma concepção do mundo mais verbal do que pictórica, um “mapa mental”, é essencial para a narrativa histórica.

Embora houvesse, de fato, uma longa tradição de obras que lidavam especificamente com descrições geográficas, desde Pompônio Mela até o anônimo *Expositio totius mundum et gentium*, História e Geografia não eram vistas como disciplinas separadas tal qual temos nas universidades e escolas atualmente, mas como altamente interdependentes. Para boa parte dos autores antigos, nota Andrew Merrills (2005, p. 7), a apreciação do mundo físico era uma contraparte essencial ao conhecimento do passado. Assim sendo, o historiador não deve ser julgado por sua precisão ou imprecisão, nem autoridade em Geografia nem enganador. O propósito de Amiano Marcelino com esses *excursus* não era fornecer informações para desenhar um mapa ou mesmo ser um guia de viagens, mas sim fornecer um plano de fundo para o desenrolar da trama histórica que será narrada em seguida (Marques, 2009).

Isso é muito evidente na digressão sobre a Gália, a maior dentre as dez digressões etnogeográficas, ocupando quatro capítulos inteiros do Livro XV. A descrição surge em um momento crucial da narrativa, as empreitadas do recém-aclamado César Juliano contra os alamanos que ainda ocupavam as cidades próximas ao Reno após a derrocada final de Silvano em 355. Pouco antes de narrar sua chegada na região, a audiência é advertida:

Julgo ser prudente agora expor sobre as regiões e a situação das Gálias para que, em meio às ardentes preparações para o combate e aos vários eventos de batalhas, eu não pareça imitar um marujo preguiçoso enquanto desenvolvo assuntos desconhecidos por alguns (Amiano Marcelino. *Histórias*. 15, 9, 1)¹³.

Sem dúvidas, como leitor voraz de Cícero e historiador fiel aos preceitos da historiografia antiga, Amiano tinha em mente seu conselho sobre o método histórico: “a disposição (*ratio*) dos assuntos (históricos) demanda a

¹³ *Galliarum tractus et situm ostendere puto nunc tempestivum, ne inter procinctus ardentes proeliorumque varios casus ignota quibusdam expediens imitari videar besides nauticos attrita linteae cum rudentibus [...]*

ordenação dos tempos e a descrição das regiões” (Cícero. *Sobre o Orador*. 2, 63)¹⁴. Nessa forma de conceber a obra de caráter histórico, a metáfora do marujo descuidado é pertinente, pois se ele não prepara as velas, o timão e todo o necessário antes de seguir viagem, corre o risco de ter de fazê-lo em meio à tempestade. A narrativa é essa viagem, e pode ser compreendida como a própria *ratio* histórica. Os fatos que o historiador está prestes a relatar, por sua vez, são, para ele, a tormenta. As reviravoltas das operações militares levadas a cabo por Juliano nas Gálias constituem um verdadeiro desafio para o historiador, pois ordenar e narrar de modo coerente o aparente caos que havia se instaurado nas províncias, de modo a mostrar como o jovem César restaurou a ordem na região, exigiria bastante de suas habilidades. A descrição das Gálias é a própria preparação para enfrentar essa tarefa.

Diante disso, Amiano toma o tempo que acredita necessário para pintar um quadro vívido da região e de sua história perante uma audiência que talvez contasse com indivíduos que jamais a conheceram para além de seus grandes centros. Como de praxe, o historiador recua seu relato aos tempos imemoriais. Segue-se uma exposição sobre as várias possibilidades de origem dos gauleses (Amiano Marcelino. *Histórias*. 15, 9, 2-7), que Amiano declara ter extraído da coletânea realizada pelo historiador Timagenes de Alexandria, o que lhe confere já uma primeira camada de autoridade. Segundo Amiano, alguns escritores creem que os aborígenes foram os primeiros habitantes, chamados celtas em virtude do nome de um rei muito querido. Outros dizem que os dórios, seguindo o Hércules mais antigo¹⁵, se estabeleceram na região. Os druidas, por sua vez, dizem que uma parte do povo é indígena, mas que outros chegaram à Gália vindos de ilhas distantes e terras além do Reno. Outros afirmam que a região, até então deserta, fora colonizada por gregos que fugiram de Troia. Os habitantes da região afirmam serem descendentes de Hércules, filho de Anfítrio. Outra possi-

¹⁴ *rerum ratio ordinem temporum desiderat, regionum descriptionem.*

¹⁵ Há histórias semelhantes às de Hércules na Grécia, na Itália, no Oriente e entre os celtas e germanos. Amiano parece seguir o esquema dos seis ou quatro Hércules exposto respectivamente em Cícero (*Sobre a Natureza dos Deuses*. 3, 16, 42) e Sérvio (*Comentário a Eneida*. 8, 564). O “Hércules mais antigo”, ao qual Amiano se refere, parece ser o herói itálico Recarano (ou Garano), um pastor de estatura gigantesca e de origem grega, cf. *Origem do povo romano* (6, 1).

bilidade é que os fugitivos de Foceia, na época de Ciro, fundaram Velia na Lucânia e Massilia, se espalhando pela região a partir desses polos.

A nível mais elementar, uma primeira ponte entre o passado e o presente é elaborada por meio de uma série de mitos de origem que consolidam a noção de ancestralidade e descendência comuns entre romanos e gauleses, fazendo com que sua incorporação posterior, como veremos, seja percebida como um processo quase natural. Participar de um passado comum e partilhar de uma ascendência permite que se enseje um sentimento geral de pertencimento também a um presente comum (Zerubavel, 2003, p. 63-66). Por certo, todas essas histórias deviam fazer sentido aos espectadores de Amiano em maior ou em menor grau por partilharem de um substrato cultural no qual os episódios mencionados, os trabalhos de Hércules, a Guerra de Troia e as Guerras Médicas são de conhecimento comum. A apropriação criativa do mito fundacional troiano, por exemplo, é bem conhecida na Gália e pode remontar às primeiras alianças desses povos com o império já no século II a.C., apontando para uma reelaboração identitária, cujo propósito era a negociação de um lugar privilegiado na nova ordem político-social que estava em vias de se estabelecer por meio da reivindicação de consanguinidade com os romanos (Derks, 1998, p. 108-111). Não por acaso, Lucano afirma, no século I d.C., em tom de indignação, que “os arvernos ousaram se representarem como irmãos do Lácio através da consanguinidade com o povo Ilíaco” (Lucano. *Farsálias*. 1, 427-428)¹⁶. Com efeito, mesmo os reis merovíngios, já em período bem mais tardio, se apropriaram do mito de fundação troiano para se apresentarem como sucessores do poderio romano e legitimarem seu domínio sobre a região, mitigando a imagem de um domínio estrangeiro (Barlow, 1995, p. 93).

Amiano dá uma ênfase especial ao penúltimo dos mitos de origem elencados por ele:

Os habitantes dessas regiões, porém, afirmam isso mais do que todos, algo que eu também li gravado em seus monumentos: que Hércules, filho de Anfítrio, se apressou a destronar os cruéis tiranos Gerião e Taurisco, um dos quais parasitava as Espanhas, outro as Gálias. E tendo vencido ambos, uniu-se com mulheres nobres

¹⁶ *Aruernique, ausi Latio se fingere fratres sanguine ab Iliaco populi, nimiumque rebellis*

e gerou numerosos filhos, que deram seus nomes aos rincões aos quais governavam (Amiano Marcelino. *Histórias*. 15, 9, 6)¹⁷.

Trata-se aqui de persuadir mais uma vez uma audiência na cidade de Roma, agora com toda a autoridade do relato em primeira pessoa (Sabbah, 1997, p. 24), que os habitantes das Gálias tomam para si uma origem que liga desde os tempos mais longínquos a região e sua população a um universo comum mediterrâneo que seria depois englobado pelo Império Romano. De fato, é bem conhecida a grande profusão do culto de Hércules na Gália, apesar de que, ao se tratar do mito fundador, a evidência material de que dispomos aponta para uma difusão muito maior da narrativa troiana (Roymans, 2009, p. 223).

Depois de rememorar mitos de origem que ligam as populações gaulesas a um passado comum, Amiano descreve as rotas de viagem que atravessam a região e seus famosos acidentes geográficos: os Pirineus, Alpes Cotianos e Alpes Peninos. Cada um desses elementos aparece relacionado de alguma maneira a célebres episódios históricos dentro da digressão: a amizade entre o imperador Augusto e o rei Cotio (Amiano Marcelino. *Histórias*. 15, 10, 2), louvado por ter sido “admitido em aliança com o Império Romano” (*ibidem*, 15, 10, 7)¹⁸; os caminhos construídos pelo Hércules de Tebas em meio às montanhas (*ibidem*, 15, 10, 9); os episódios das Guerras Púnicas envolvendo os Cipiões e o exército de Aníbal e Asdrúbal (*ibidem*, 15, 10, 10-11). Há, ao longo da digressão, uma diacronia marcante na qual Amiano imiscui aquilo que leu em documentos antigos e sua própria experiência na província. Em verdade, a digressão da Gália parece ser uma das que mais conta com suas memórias de viagem, mesmo quando identificadas todas as possíveis influências literárias sobre ela (Barnes, 1998, p. 96-100).

Isso fica muito claro quando o historiador busca descrever a região à época da conquista de Júlio César e a apresenta posteriormente em suas divisões tal como existiam quando Juliano foi elevado à posição de César em 355. Retirando tre-

¹⁷ *Regionum autem incolae id magis omnibus asseverant, quod etiam nos legimus in monumentis eorum incisum, Amphitryonis filium Herculem ad Geronis et Taurisci saevium tyrannorum perniciem festinasse, quorum alter Hispanias, alter Gallias infestabat, superatisque ambobus coisse cum generosis feminis suscepisseque liberos plures et eos partes, quibus imperitabant, suis nominibus appellasse.*

¹⁸ *in societatem rei Romanae*. Essa noção de *societas* será discutida adiante.

chos quase literais do *Comentário sobre a Guerra da Gália*, Amiano ilustra uma época “quando essas regiões estavam obscuras, como que bárbaras” (Amiano Marcelino. *Histórias*. 15, 11, 1)¹⁹ e parece concordar com o ditador romano ao considerar que os belgas exibiam maior dureza de caráter, por estarem em guerras constantes com os germanos do além-Reno, e que os Aquitanos “facilmente vieram sob domínio romano” (*ibidem*, 15, 11, 5)²⁰, por terem tido os espíritos amolecidos pelas benesses do comércio. Neste capítulo Amiano se utiliza da diacronia para mostrar que a região das Gálias, já totalmente “domada” em sua época, abundava em “províncias e cidades esplêndidas” (*ibidem*, 15, 11, 12)²¹, muitas delas visitadas pelo próprio historiador em suas andanças.

Dessa forma, Amiano constrói, aos poucos, a imagem de uma Gália totalmente integrada ao mundo romano e à sua história, tornando-se inseparável deste. Depois de uma breve descrição satírica acerca dos costumes dos gauleses, a força e o temperamento explosivo de suas mulheres, sua aptidão para a guerra e o gosto excessivo pelo vinho – o que pode ter arrancado algumas gargalhadas de sua plateia –, o historiador termina sua digressão relembrando brevemente como a região se tornou parte do império:

*Essas regiões, sobretudo as vizinhas às itálicas, vieram aos poucos sob domínio romano com leve esforço, primeiramente tateadas por Fulvio, depois enfraquecidas por Sextio através de pequenos combates e por fim conquistadas por Fábio Máximo; a quem o resultado completo da empreitada, depois de vencida a tribo muito cruel dos Allobrogues, rendeu esse sobrenome. De fato, foi César quem [...], depois de baixas de ambos os lados em dez anos de guerra, subjugou todas as Gálias e uniu-as à nossa comunidade mediante uma aliança eterna (Amiano Marcelino. *Histórias*. 15, 12, 5-6)*²².

¹⁹ *Temporibus priscis, cum laterent hae partes ut barbarae.*

²⁰ *[...] facile in dicionem venere Romanam.*

²¹ *Hae provinciae urbesque sunt splendidiae Galliarum.*

²² *Hae regiones praecipueque confines Italicis paulatim levi sudore sub imperium venere Romanum primo temptatae per Fulvium, dein proeliis parvis quassatae per Sextium, ad ultimum per Fabium Maximum domitae; cui negotii plenus effectus asperiore Allobrogum gente devicta hoc indidit cognomentum. Nam omnes Gallias [...] post decennalis belli mutuas clades subegit Caesar societatis nostrae foederibus vinxit aeternis. Enectus sum longius; sed remeabo tandem ad coepita.*

Assim, ao fechamento da digressão, Amiano apresenta explicitamente as Gálias como parte integrante de uma realidade político-geográfica bem definida temporalmente e espacialmente, como regem os preceitos narrativos da historiografia antiga. Consuma-se, em uma última evocação da sequência de eventos da conquista, a reintegração das Gálias ao Mundo Mediterrâneo com o qual elas partilhavam sua origem sob os auspícios de Roma. A *societas nostra* à qual se refere Amiano se manifesta como entidade política em outros momentos da obra sob os nomes de *res Romana*, *res communis* ou *res publica*, algo que por vezes se traduz anacronisticamente como “Estado Romano”. Trata-se, na maioria dos casos em que essas expressões aparecem, mais da comunidade de povos regida e mantida pelo aparato burocrático-administrativo imperial do que da grande estrutura política em si, o que se assemelha para nós a um Estado moderno. O *foedus aeternum*, por sua vez, é a fórmula nada sutil que o historiador encontrou para dizer aos seus contemporâneos que a unidade romana, devidamente reestruturada nos mapas temporais de sua audiência e tão orgulhosamente defendida por ele (Paschoud, 1967, p. 33-70), deve ser mantida acima das aspirações regionais para que o império supere seus desafios.

Considerações finais

Argumentamos que a rememoração da conquista das Gálias nas narrativas históricas do século IV cumprem um papel fundamental no esforço dos autores para modelar o mapa temporal de sua audiência, de modo a suscitar a ideia de que as Gálias são parte inseparável do império e mitigar sentimentos demasiadamente regionalistas. O subterfúgio utilizado por esses autores foi o estabelecimento de diacronias que pressupunham certa continuidade histórica pela permanência de local, ancestralidade comum ou continuidade discursiva, cujo objetivo era mostrar que passado e presente não são entidades completamente distintas (Zerubavel, 2003, p. 37-81). Isso certamente apelava para a noção própria dos antigos de que formas de organização política há muito estabelecidas deviam ser preservadas em benefício da estabilidade. Todavia, o processo de desintegração política do império no século seguinte, no qual forças locais se sobrepuíram aos esforços de manutenção da unidade imperial nas regiões ocidentais, mostra que esses esforços não prevaleceram.

Agradecimentos

Aos dois colegas pareceristas, cujas considerações foram muito proveitosas para a melhoria do texto. Ao professor Fábio Lessa, pelo gentil convite para publicar na *Phoônix*. Quaisquer erros que permaneçam, claro, são de minha inteira responsabilidade.

Documentação escrita

AMIANO MARCELINO. *Ammiani Marcellini Rerum gestarum libri qui supersunt*. Edidit W. Seyfarth. Leipzig: Teubner, 1978.

CÍCERO. *De Natura Deorum*. Eddidit Olof Gigon et Laila Straume-Zimmermann.; *M. T. Ciceronis ad q. Fratrem De oratore libri tres*. Eddidit Christianus G. Schütz. Berlim: De Gruyter, 2013; 2022.

EUTROPIO. *Eutrope. Abrégé d'histoire romaine*. Texte établi et traduit par J. Hellegouarc'h. Paris: Belles Lettres, 1999.

FESTO. *Festus. Abrégé des hauts faits du peuple romain*. Texte établi par Marie-Pierre Arnaud-Lindet. Paris: Belles Lettres, 1994.

LUCANO. *De bello civili libri X*. Eddidit David R. Shackleton Bailey. Berlim: De Gruyter, 2013.

NOTITIA Galliarum. In: HARRIES, Jill. Church and State in the *Notitia Galliarum. The Journal of Roman Studies*, n. 68, p. 39-43.

ORIGO Gentis Romanae. Die Ursprünge des römischen Volkes. Herausgegeben, übersetzt und kommentiert von Markus Sehlmeyer. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2004.

SÉRVIO. *Commento al libro VIII dell'Eneide di Virgilio*. Edizione di Giuseppe Ramires con le aggiunte del cosiddetto Servio Danielino. Bologna: Patron Editore (no prelo).

ZÓSIMO. *Zosime. Histoire nouvelle*. Tome I: Livres I et II. Texte établi et traduit par Fr. Paschoud. Paris: Les Belles Lettres, 1989-2000.

Referências bibliográficas

ARNAUD-LINDET, Marie-Pierre. Introduction. In: Festus. *Abbrégé des hauts faits du peuple romain*. Texte établi par Marie-Pierre Arnaud-Lindet. Paris: Belles Lettres, 1994, p. v-xlii.

- BARLOW, Jonathan. Gregory of Tours and the Myth of the Trojan Origins of the Franks. *Frühmittelalterliche Studien*, v. 29, n. 1, p. 86-95, 1995.
- BARNES, Timothy D. *The new empire of Diocletian and Constantine*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- _____. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
- BENEDETTI, Pedro. Amiano Marcelino e o pensamento histórico tucídideo. *Heródoto*, v. 8, n. 1, p. 103-128, 2023.
- BRANDÃO, José L. Galba, Otão e Vitélio: a crise e experiências de 68-69. In: BRANDÃO, José L.; OLIVEIRA, Francisco (orgs.). *História de Roma Antiga*. v. 2: Império romano do ocidente e romanidade hispânica. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 97-110.
- BROWNING, Robert. History. In: KENNEY, Edward John; CLAUSEN, Wendell Vernon (eds.). *The Cambridge History of Classical Literature*: Volume II, Latin Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 732-754.
- DELAPLACE, Christine; FRANCE, Jérôme. *Histoire des Gaules*: VIe s. av. J.-C. - VIe s. ap. J.-C. Paris: Armand Colin, 2019.
- DERKS, Ton. *Gods, Temples and Ritual Practices*: The transformation of religious ideas and values in Roman Gaul. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1998.
- DRIJVERS, Jan W. Geographical Digressions in Ammianus Marcellinus, aula ministrada na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, 23 de março de 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/11982401/Geographical_Digressions_in_Ammianus_Marcellinus. Acesso em: 10 mar. 2025.
- DRINKWATER, John F. Gallic Attitudes to the Roman Empire in the Fourth Century: Continuity or Change? In: HERZIG, Heinz E.; FREI-STOLBA, Regula (eds.). *Labor omnibus unus*: Gerold Walser zum 70. Stuttgart: F. Steiner Verlag Wiesbaden, 1989, p. 136-155.
- ELTON, Hugh. *The Roman Empire in Late Antiquity*: A Political and Military History. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- GARDTHAUSEN, Victor. *Die geographischen quellen Ammians*. Leipzig: Druck von B.G. Teubner, 1873.
- HARRIES, Jill. *Imperial Rome AD 284 to 363*: The New Empire. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.
- HEINEN, Heinz. *Trier und das Trevererland in römischer Zeit*. Trier: Spee-Verlag, 1985.

HELLEGOUARC'H, Joseph. Introduction. In: Eutrope. *Abrégé d'Histoire Romaine*. Texte établi et traduit par J. Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1999, p. vi-lxxv.

JOLY, Fábio ; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, José L.; OLIVEIRA, Francisco (orgs.). *História de Roma Antiga*. v. 2: Império romano do ocidente e romanidade hispânica. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 79-96.

KELLY, Gavin. *Ammianus Marcellinus: The Allusive Historian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

KULIKOWSKI, Michael. Classicizing History and Historical Epitomes. MCGILL, Scott; WATTS, Edward J. (eds.). *A Companion to Late Antique Literature*. Londres: Wiley Blackwell, 2018, p. 143-160.

MARQUES, Juliana B. Muito além da geografia: o espaço cognitivo de Amiano Marcelino. *Classica (Brasil)*, v. 22, n. 1, p. 148-160, 2009.

MERRILLS, Andrew H. *History and Geography in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MOMMSEN, Theodor. Ammians Geographica. *Hermes*, v. 16, n. 4, p. 602-636, 1881.

PASCHOUD, François. *Roma Aeterna: études sur le patriotisme romain dans l'Occident latin à l'époque des grandes invasions*. Neuchâtel: Institut Suisse de Rome, 1967.

POHLMAN, Janira. A História na narrativa do brevíario de Eutrópio. In: CARVALHO, Margarida M. de; SILVA, Glaydson J.; SILVA, Maria Aparecida O. (orgs.). *A Ideia de História na Antiguidade Tardia*. Curitiba: CRV, 2021, p. 91-108.

ROYMANS, Nico. Hercules and the construction of a Batavian identity in the context of the Roman empire. In: ROYMANS, Nico; DERKS, Ton (eds.). *Ethnic Constructs in Antiquity: The role of power and tradition*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009, p. 219-238.

SABBAH, Guy. *La méthode d'Ammien Marcellin: recherches sur la construction du discours historique dans les "Res Gestae"*. Paris: CUF, 1978.

SUNDWALL, Gavin A. Ammianus geographicus. *American Journal of Philology*, v. 117, n. 4, p. 619-643, 1996.

WILLIAMS, Stephen. *Diocletian and the Roman Recovery*. Londres: Routledge, 2000.

ZERUBAVEL, Eviatar. *Time Maps: Collective Memory and the Social Shape of the Past*. Chicago: Chicago University Press, 2003.